MEMÓRIAS AFETIVAS DE MAGISTRADOS PARAENSES E O AMOR CRIATIVO EM TEMPOS DE PANDEMIA

AFFECTIVE MEMORIES OF PARAENSE MAGISTRATES AND CREATIVE LOVE IN PANDEMIC TIMES

Maria Elizabeth Souza Muniz*

* Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Pará. Doutora em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Museo Social Argentino. Multiplicadora de Práticas Restaurativas. Analista Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado do Pará. E-mail: bethmuniz2020@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em meio ao momento turbulento em que vivemos, em decorrência dos efeitos devastadores causados pelo vírus denominado COVID-19, é o amor criativo que nos vem ao pensamento para discorrer sobre uma experiência de conviver com pessoas singulares, especialmente os magistrados que, no ambiente de trabalho, ressignificam o labor diário do trabalho.

Em contato direto com os dois magistrados nos foi permitido ouvir as impactantes histórias e vivências de Cristo Alves, além das engraçadas também histórias de Cláudio Rendeiro. Estávamos no interior dos nossos exercícios laborais, no quais, guardadas as responsabilidades dos cargos públicos e a relação funcional respeitosa funcional e hierárquica com os mesmos, experimentamos vivências de convívio com pessoas autênticas e inovadoras.

O amor criativo nos deixou despertados para discorrer um pouco sobre a sabedoria destes magistrados e, ao mesmo tempo, despertar um pouco de nós filhos de homens e mulheres vestidos das sabedorias da Amazônia, pessoas ligadas à filosofia da vida na natureza como são os filhos nascidos na Amazônia, que carregam por muito tempo em suas

vidas a experiência de ancestrais que viveram em bases filosóficas de povos simples e interioranos.

Uma conexão que se reflete entre os dois magistrados que viveram com base em suas raízes. Por coincidência, os mesmos deixaram a terra após serem diagnosticados pelos graves males causados pelo COVID-19. Um vírus que nos suspende a atenção para voltarmos o olhar para o amor e os seus efeitos, desenvolvermos a criatividade e o uso de ferramentas que nos despertem sabedorias criativas.

Ao percorrermos nossos olhares, não muito longe, mas à nossa volta na convivência diária, em que é real a existência de muitas enfermidades e óbitos de pessoas queridas e próximas, escolhemos nos iluminar de esperança para pensarmos no que acontece em passos paralelos, isto é, o desejo de que mais pessoas sejam imunizadas, a cada dia através do contato com novas vacinas.

Assim, deixar aos que sobrevivem em tempos de pandemia um redirecionamento para alma no que se refere à arte de amar de forma criativa.

Levando-se em conta a experiência da velocidade que tem o pensamento para permitir ao homem uma elevação e colocá-lo em um lugar de espera, imaginamos apontar uma conexão com as suas memórias afetivas, como está acontecendo conosco no exato momento de escrita do artigo. Além disso, apontamos sugestões de novos caminhos na perspectiva da experiência atual vivida.

1. OBJETIVO

Instrumentalizar uma espécie de amor criativo, a partir de vivências espontâneas no trabalho, orientadas dentro de uma expectativa vivida por magistrados do Poder Judiciário do Estado do Pará.

2. DESENVOLVIMENTO

A partir de história e de vivências de um magistrado ancião, este relata recortes do passado de um Juiz na Amazônia, histórias de um homem católico apostólico romano. Christo Alves Filho (2020, p.13) viveu de forma diferente e assim discorre sobre sua vida: “Confesso, também, que sou, por índole, ecumênico, por isso entendo que assim como sou fiel à minha crença, admito e respeito que outros pensem diferente”. Cláudio Rendeiro (também conhecido como Epaminondas Gustavo) – que nos deixa ainda moço – sinalizava a sua preocupação com a necessidade de recolhimento em casa e discorre sobre uma vida diferente em tempos de pandemia, conforme anuncia reportagem de *O Liberal*: “faz da tua casa, da tua família e das pessoas que convivem contigo um lugar de amor criativo”. Ambos os Juizes de Direito, falecidos recentemente, foram acometidos pelos vírus denominado COVID-19.

O juiz, que é poeta, escritor e humorista, aponta na poesia, por envio de áudios nas redes sociais de compartilhamento de mensagens, uma expressão amorosa e criativa de cuidado pela vida e da necessidade do distanciamento, para que em casa pudéssemos nos ressignificar.

Em tempos de pandemia, precisamos nos recolocar no espaço e, logo, pensamos em memórias afetivas, em histórias de convivência diária com os dois magistrados. Também revisitando nas horas de descanso do trabalho em plataformas digitais, a nossa vida vai assim reflorescendo apesar dos efeitos devastadores do luto e da dor que vivemos em tempos de pandemia.

Mas foi exatamente em nossos espaços presenciais de trabalho, que tivemos a grata alegria de conviver com os dois magistrados. Nessa escola que é a vida, relatos interessantes de experiências dos dois servirão como referencial metodológico, como bases teóricas e empíricas de vidas que nos deixaram um legado de sabedorias e de ensinamentos a respeito do amor criativo.

Em um cenário de tantas perdas que estamos vivenciando, ficam as memórias afetivas de Cláudio Rendeiro que, em suas redes virtuais, declamava poemas de sua autoria:

Os que se foram, deixam um pouco deles em nós para sempre. Deixam seus sorrisos e, engraçado, levam um pouco do nosso. Deixam suas lágrimas e nos fazem enxugar as nossas. Deixam suas gargalhadas ecoadas em cantos vazios e levam um pouco das nossas, já não tão altas, pelo menos na intensidade dos sentidos. Deixam seus afazeres quietos não terminados dentro de nosso cotidiano. O cheiro da

camisa do time, a argola de ouro portuguesa, a caixinha amarela de remédios, o Nescafé forte em cima do criado-mudo, o vestido azul de cambraia azul da festa de 15 anos, as frestas do calafate nos batelões, a palavra “leso” com outro sentido, o mingau das nove no fogão, o sonho de ser Polícia, a faculdade de pedagogia inacabada. O passeio com o neto do Guamá à São Braz. E ficamos com suas ausências em nossas vidas. Seguimos sem eles. O que nos deixam, deixam a certeza do efêmero e também certeza de que folhas são belas, mesmo caídas no chão, indicando a chegada do outono (RENDEIRO, 2018, p. 37).

Os que nos deixam em tempos de pandemia, também deixam exemplos de “amor criativo” da vida interiorana, os saberes das pessoas simples, em que se depreende a ideia de partilha, de vida simples, como uma forma de expressar amor. Em meio a tempos incertos que a vida nos envolve, Christo Alves, um magistrado contador de histórias e de “causos”, relata sobre a experiência de um Juiz Náufrago:

Viajei de volta para Gurupá, na lancha ‘Deus te salve do mal’, fretada por um comerciante madeireiro, eu e os tripulantes. Eram 12 horas de viagem para Gurupá. Acontece que, às três da madrugada, eu estava dormindo, quando um dos tripulantes me acordou dizendo que a lancha estava naufragando. Noite escura, sem iluminação, em plena Baía de Gurupá, onde só se avistava terra quando relampeava. Só tive tempo de retirar a blusa do pijama e joguei-me n’água. Com relâmpagos, deu para ver que estava perto da beira, a uma distância de 500m e a maré a favor. Nadei desesperado. Era bom nadador naquela época, assim como bom remador, devido minha origem interiorana. Os companheiros de viagem também se salvaram. Minha maleta com roupas e pertences desapareceram no naufrágio. Por que o naufrágio? A embarcação era de madeira e, ao passar sobre uma ponte velha, não mais usada montara sobre um dos

pilares antigos, furou o madeirame e a lancha afundou. Quando subi o barranco olhando um pouco ao redor, avistei uma casa de palha, cujo dono, como todo morador amigo, me acolheu e aos demais náufragos, dando-me para vestir um seu ‘calção’. Passamos ali alimentados pelo pobre morador que Deus o recompense (ALVES FILHO, 2020, p. 144).

A “casa” torna-se um lugar de abrigo para o Juiz náufrago que, sem roupas, é surpreendido com as vestes cedidas pelo “Caboclo da Amazônia”, que acolhe, partilha o alimento e o vestir, assim como dá abrigo aos náufragos.

O momento pede muito de cada de um de nós, somos então aquilo que compartilhamos:

Qualquer que seja o mundo em que estamos começando a viver, com qualquer otimismo à parte, o fato é que existe algo de novo no ar. É algo feito com centenas de colaboradores que promovem não mais a produção em massa, mas a inovação em massa (GIARDELLI, 2012, p. 27).

Estamos todos conectados, em um novo tempo, que pede muito mais de cada um de nós. Mais que produção em massa, pede novos saberes, novas partilhas. Em teias ou em círculos, sentimos a dor que está longe ou perto, a vida que se apresenta em isolamento social nos faz refletir sobre vários fatores, incluindo interesses individuais e coletivos, logo nos vem, por exemplo, como pensar em objetos do amor. Na definição de Erich Fromm,

O amor não é, primacialmente, uma relação para com uma pessoa específica; é uma *atitude*, uma orientação de caráter, que determina a relação de alguém para com o mundo, como um todo e não para com um ‘objeto de amor’. Se uma pessoa ama apenas a uma outra pessoa e é indiferente ao resto de seus semelhantes,

seu amor não é amor, mas um afeto simbiótico, ou um egoísmo ampliado (FROMM, 1995, p. 61, grifo do autor).

A pandemia aponta muitos comportamentos diferentes, novos olhares sobre o amor, novas perspectivas de vida no recolhimento em casa ou no trabalho, em locais públicos e privados, na linha de frente, nas ruas, nos hospitais, nas escolas, na comunidade.

Surge um sopro de esperança com vacinas, mas os traumas estão em cada um dos que ficam. Por onde começar o novo tempo? Passou a ser um desafio tal resposta.

Uma perda aqui, um susto ali, alguém que cai, outro que levanta, um que se deprime, outro que se desaponta, e tudo reflete na família que passa a ter que buscar novas formas de amar, tendo a “casa” como espaço seguro, mas que passou a correr riscos e ficar ameaçada por circuitos violentos dentro da própria família.

Pode ser necessário pensarmos alternativas para o caminho que nos permite dar um novo sentido para a vida. Ressignificar uma guerra, por exemplo, é algo muito complexo de ser feito. Porém ressignificar as dores, os efeitos das perdas, dar passos então para sobrevivermos pode ser uma interessante opção:

A ressignificação é ainda o elemento-chave para o processo criativo; trata-se da habilidade de situar o evento comum num molde útil ou capaz de proporcionar prazer (BANDLER, 1986, p. 10).

Em tempos de pandemia, buscar novas formas de ressignificar o medo, a dor, a tristeza, o luto, pode nos permitir vivências de amorosidade, em uma “receita”

que nos instigue o “amor criativo”. Pois “muitas vezes aumentamos nossa felicidade ao máximo quando buscamos atitudes que nos deem significado e prazer e que ajudem os outros” (BEM-SHARAR, 2008, p.165).

Escutar pessoas pode ser uma forma também de transformar vidas em tempos de tantas dificuldades. Captar os significados dos sentimentos, Dunker e Thebas (2019, p. 59) observam sobre o que chamam de “O pacto da escuta hospitaleira”, pelo qual:

Criar junto com o outro e deixar-se afetar pelo outro. Deixar-se levar, compartilhando, ainda que provisoriamente, não só suas opiniões e ideias, mas principalmente o que há de estranho no outro, suas incertezas e confusões, suas incoerências e descaminhos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notadamente as nossas experiências no ambiente de trabalho, com os magistrados Manoel de Christo Alves Filho e Cláudio Henrique Lopes Rendeiro, resultaram de maneira bastante significativa, na sabedoria de suas experiências, nas lições de partilha do conhecimento do homem magistrado que, filho do interior do estado, ou filho de ribeirinhos, nos dava certeza do quanto nossas diferenças nos aproximavam e nossas necessidades ganhavam simetria.

A visão sistêmica da vida nos colocava diante de uma situação que está para além do conhecimento teórico, em que o conhecimento empírico nos levaria para ferramentas de grande valor para serem usadas no momento.

Será necessário, no entanto, percebermos o quanto o medo, a dor, a indiferença são sentimentos com significados diferentes para cada indivíduo. Ao mesmo tempo, permitir-se e permitir que cada um respeite as diferenças, através da percepção do autocuidado e do autoconhecimento já seria um grande passo em direção ao outro. Capra (2015, p. 382) destaca que:

Alguma coisa pode ser profundamente significativa para nós por intermédio de uma experiência direta do contexto.

O Significado é essencial para os seres humanos. Precisamos manter coerência entre nossos mundos exterior e interior, de modo que ambos façam sentido para nós, encontrar significado em nosso ambiente e em nossas relações com outros seres humanos, e agir de conformidade com esse significado. Isso inclui, em particular, nossa necessidade de agir com um propósito ou objetivo em mente.

Pensarmos que estamos todos em um cenário de diferentes sentimentos, emoções e significados nos leva a discorrer de forma breve sobre uma "Anatomia do Momento Criativo", que faça ou os nos permita despertar para um novo tempo. Daniel Goleman, Paul Kaufman e Michael Ray (2007, p. 14-19) constroem por etapas através de um processo de preparação de caminhos.

A primeira etapa é quando você mergulha no problema e investiga qualquer dado que possa ser relevante. [...] Aqui é absolutamente necessário ser receptivo e saber ouvir. [...] Preparar-se para viver o novo, admitir que pode acontecer a frustração, desvendar os momentos de escuridão. [...] [a segunda etapa – Incubação] você poderá deixar o problema 'cozinhar em fogo brando' [...] [a terceira etapa – Devaneio] quando não estamos pensando em nada em particular. Por isso, o 'sonho acordado' é tão útil na busca da criatividade [...] COM SORTE, a imersão e

o devaneio conduzem à Iluminação [a quarta etapa] quando, de repente, a resposta surge como que do nada.

Relevante é observar que estamos diante de muitas dificuldades, e como tirar forças, neste tempo? Também é algo complexo de se pensar?

Acreditamos ainda assim na inovação e criatividade, e para aplicação é necessário pensarmos em estratégias.

Através de um sistema integrado de conhecimentos, por exemplo, o Dragon Dreams que aponta métodos que podem servir para o autoconhecimento e o autodesenvolvimento tanto para grupos quanto para indivíduos, conforme descreve o seu Guia Prático (p. 2):

O amor é uma aventura na descoberta mutuamente compartilhada. 'Amor em Ação' é descobrir as habilidades que honram e envolvem a individualidade e as contribuições únicas de cada pessoa e, ao mesmo tempo, honrando e envolvendo a diversidade manifesta da comunidade da Terra Viva da qual fazemos parte. Dragon Dreaming é muito mais do que apenas fazer nossos sonhos realidade. É uma filosofia de vida, baseando-se em sabedoria dos aborígenes da Austrália Ocidental.

Um novo tempo surge em nossas vidas, e ao que se vê é possível se fazer um resgate de sabedorias milenares de seres que passaram e viveram experiências catalogadas, em um equilíbrio perfeito, no qual cada um terá seu valor e importância e pode deixar um legado de contribuição para todos. Levando em conta a integração desse sistema, resgatamos a sabedoria que se constrói a partir de Oraibi, da Nação Hopi, a profecia de um ancião celebrador no anoitecer dos

seus dias:

Você disse ao povo que esta é A Décima Primeira hora, agora você deve voltar e dizer às pessoas que esta é a Hora. E há coisas a serem consideradas. Onde você está morando? O que você está fazendo? Quais são os seus relacionamentos? Você está em relação correta? Conheça o seu jardim. É hora de falar a sua verdade. Seja bom para os outros. E não procure o líder fora de si mesmo. Então, ele apertou as mãos, sorriu, e disse: 'Este poderia ser um bom momento'. Há um rio que agora flui muito rápido. É tão grande e rápido, que há aqueles que terão medo. Eles tentarão se manter às margens. Eles sentirão que estão sendo dilacerados e sofrerão muito. Saiba que o rio tem seu destino. Os mais velhos dizem, temos de sair das margens, empurrar para o meio do rio, manter nossos olhos abertos e nossas cabeças acima da água. E eu digo, veja quem está lá dentro com você e celebre. Neste momento da história, não devemos tomar nada como pessoal. Menos do que tudo, a nós mesmos. No momento, o que fazemos, o nosso crescimento espiritual e viagem chegam a um impasse. O tempo do lobo solitário acabou. Reúnam-se! Retire a palavra luta de sua atitude e seu vocabulário. Tudo o que fazemos agora deve ser feito de uma forma sagrada e em celebração (GUIA PRÁTICO DRAGON DREAMING, p. 36).

No mesmo viés, na integração de pessoas e conhecimentos, é possível experimentar outras experiências baseadas em princípios filosóficos a partir das sabedorias dos aborígenes, como os Processos Circulares baseados na Roda da Medicina. Prannis (2010, p. 57-58) aponta uma metodologia, com foco nos relacionamentos. Nele, antes de tentar resolver as questões ou partir para a ação é preciso investir algum tempo ajudando os participantes a encontrar sua ligação como seres humanos, a partir de

quatro elementos relacionais, que acontecem também por etapas, como nos demais métodos supracitados: reunião/conhecimento mútuo; construção de entendimento e confiança; tratar da visão/problemas e desenvolvimento de planos/senso de comunidade.

Ao que se vê, a escuta vai se tornando cada vez mais uma ferramenta muito relevante para o momento, e muito necessária por sinal. Passos curtos apresentam-se com uma chave para iniciarmos na prática uma ação do amor criativo.

Eis que é possível que o ambiente familiar seja uma porta para mudanças de atitudes, para a transformação de nossos mundos em tempos de pandemia. Assim, Dunker e Thebas (2019, p. 223) observam:

Se você quer começar a ampliar a sua escuta, mas acha que não é muito bom com as palavras, comece convidando pessoas para sua casa, para jantares, festas ou reuniões, a pretexto de qualquer coisa. Aprender a receber alguém, e deixar o outro em casa, na sua casa, é o começo e a origem para escuta hospitaleira.

Há quem diga que "o local de trabalho é uma extensão de nossa casa", a exemplo de atitudes de magistrados criativos. Tal afirmativa se confirma dentro do ambiente de trabalho, no qual os magistrados com que convivemos nos reportavam com seus diálogos afetivos a uma vida familiar no trabalho.

Ao que se vê nas coisas simples da vida, na escuta de histórias, de ensinamentos e de poesias, vivenciamos o "amor criativo" através do qual nos foi permitido aprendermos novos saberes no espaço de trabalho.

Apesar das limitações que o momento de pandemia nos impõe, serão nossas escolhas que nos apontarão para um conjunto de ideias, a nos permitir ressignificar nossas dores e traumas em um momento de recolhimento social.

No resgate de nossas raízes ou nos ensinamentos da ancestralidade, muitas sabedorias podem ser assimiladas dentro do atual contexto. Dunker e Thebas (2019, p. 165), ao se reportarem sobre as sete escutas da língua tupi, relatam que:

os tupis aprendem a escutar nas trocas cotidianas em comunidade, transmitindo histórias e fazendo perguntas. Treinados desde sempre a perceberem, e exercitarem suas escutas, os indivíduos da tribo vão igualmente reconhecendo qual a característica de escuta de cada integrante da aldeia.

Acreditamos que vive em nós, filhos da Amazônia, por nossas heranças ancestrais, a influência da vida do homem do interior e do ribeirão, e é bem possível que não tenhamos tantas dificuldades de vivenciarmos uma “escuta hospitaleira” entre nós ou na comunidade, no eterno recomeço que é a vida diante de um processo de aprendizado e de renascimento constante.

Eis que em cada um de nós há que se encontrar uma linha de vida, que pode ter influenciado nossos ancestrais, homens e mulheres interioranas ou “Caboclos da Amazônia” ou mesmo nos magistrados a que nos referimos neste trabalho: Manoel de Christo Alves Filho nasceu em uma cidade da região do Salgado, nordeste do Pará, na cidade de Curuçá (2020, p. 15) e Cláudio Henrique Lopes Rendeiro nasceu em São de Caetano de Odivelas, cidade ribeirinha do interior do Estado do Pará (2018, p. 23).

Ambos são pessoas simples, que nos deixam saudades pela relevância dos ensinamentos partilhados e por seus legados manifestos em atitudes, baseados nos modelos de vida, que agregaram valores em suas vidas pessoais e influenciaram pessoas por tais modelos. Estes trazem a sabedoria do chão e da terra molhada do interior da Amazônia, cuja criatividade tem como berço a mãe natureza, que se recria de forma amorosa e criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contação de histórias sobre pessoas significativas no âmbito do Poder Judiciário do Estado do Pará, no conhecimento de saberes dos aborígenes, dos indígenas ou mesmo da influência de povos do interior da Amazônia, além é claro das demais referências teóricas citadas, é possível que encontremos em um ou outro caminho ensinamentos que nos impulsionem a transformar o momento que vivemos em experiências de amor criativo.

Transformar e ressignificar nossas histórias de vida, medos e desesperanças em oportunidades de crescimento, a partir da escuta de pessoas à nossa volta, fazendo do isolamento social uma atitude de respeito para conosco e com os outros, bem como uma oportunidade a mais de se experimentar viver.

Convencemo-nos, nestes tempos de pandemia, de que a oportunidade, em última análise, serve para nos ajudar a perceber que somos todos um – “ubuntu” na expressão de origem africana –, já que a experiência de ser ou não contaminado por um vírus não nos classifica por cargos, raça, cor ou gênero, ao contrário nos une e nos iguala em uma única necessidade, a vida.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, Manoel de Christo. **Recortes do Passado de um juiz na Amazônia**. Belém: Instituto Euvaldo Lodi IEL/PA, 2020.

ÁUDIO emocionante de ‘Epaminondas Gustavo’ defendia o isolamento social, ouça. **O Liberal**, Belém, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/247956/referencia-site-abnt-artigos/>. Acesso em: 19 abril 2021.

BANDLER, Richard; GRINDER, John. **Ressignificando**: programação neurolinguística e a transformação do significado. Tradução de Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1986.

BEM-SHARAR, Tal. **Seja mais feliz**: aprenda os segredos da alegria de cada dia e da satisfação permanente. Tradução de Paulo Anthero S. Barbosa. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2008.

FROMM, Erich **A arte de amar**. Tradução de Milton Amado originalmente do americano, sob o título de The Art Of Loving. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1995.

GOLEMAN, Daniel; KAUFMAN, Paul; RAY, Michael. **O Espírito Criativo**. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa, originalmente do título The Creative Spirit. São Paulo: Cultrix, 2007.

GIARDELLI, Gil. **Você é o que você compartilha: e-agora**: como aproveitar as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede. São Paulo: Editora Gente, 2012.

RENDEIRO, Cláudio Henrique Lopes. **Líricas ribeirinhas e outras margens**. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 2018a.

PRANNIS, Kay. **Processos Circulares**: Teoria e Prática. Tradução de Tonia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2010.